

“A CURA NÃO EXISTE”: DEPRESSÃO, MELANCOLIA E SUICÍDIO NO ROMANCE *O PESO DO PÁSSARO MORTO*, DE ALINE BEI

“THERE IS NO CURE”: DEPRESSION,
MELANCHOLY AND SUICIDE IN THE
NOVEL *O PESO DO PÁSSARO MORTO*,
BY ALINE BEI

Natacha dos Santos Esteves 1
Wilma dos Santos Coqueiro 2

Resumo: Este estudo visa analisar e (re)interpretar o romance *O peso do pássaro morto* (2017), escrito por Aline Bei, tendo como objetivo explorar alguns subtemas que não têm sido o foco das análises mais atuais, tais como a depressão, a melancolia e o suicídio. No romance em questão, tem-se como ideia central os acontecimentos vividos por uma mulher inominável e ordinária, começando aos 8 anos de idade e indo até aos 52, na qual é possível evidenciar as consequências da devitalização na vida de uma mulher. Na narrativa de caráter cotidiano e simplista, é possível observar a presença de acontecimentos traumáticos que vão direcionando a própria vida da protagonista e abrindo espaço para a leitura aqui proposta. Para a realização da presente análise, buscamos respaldo teórico em estudos advindos da Psicanálise e dos Estudos Culturais, focando em autores como Bourdieu (2015), Freud (2013), Kristeva (1989), Solomon (2018), Peres (2010), dentre outros.

Palavras-chave: Literatura contemporânea. Aline Bei. Depressão. Melancolia. Suicídio.

Abstract: This study aims to analyze and (re)interpret the novel *O peso do pássaro morto* (2017), written by Aline Bei, aiming to explore some subthemes that have not been the focus of the most current analyzes, such as depression, melancholy and the suicide. In the novel in question, the central idea is the events experienced by an unnameable and ordinary woman, beginning at the age of 8 and going up to 52, in which it is possible to evidence the consequences of devitalization in a woman's life. In the narrative of an everyday and simplistic character, it is possible to observe the presence of traumatic events that are directing the protagonist's own life and opening space for the reading proposed here. To carry out this analysis, we seek theoretical support in studies from Psychoanalysis and Cultural Studies, focusing on authors such as Bourdieu (2015), Freud (2013), Kristeva (1989), Solomon (2018), Peres (2010), among others.

Keywords: Contemporary literature. Aline Bei. Depression. Melancholy. Suicide.

Graduanda em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual do Paraná/campus de Campo Mourão, Paraná, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7043368923297902>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9834-5044>. E-mail: natachaestevescm@gmail.com | 1

Doutora em Letras, Área de concentração em Estudos Literários, pela Universidade Estadual de Maringá. Docente adjunta na área de Literaturas de Língua Portuguesa do colegiado de Letras da Universidade Estadual do Paraná, Câmpus de Campo Mourão. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0153461918591041>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6271-4744>. E-mail: wilmacoqueiro@gmail.com | 2

Considerações iniciais sobre a abordagem teórico-metodológica de análise

Na literatura brasileira contemporânea, não englobando apenas as produções mais recentes da última década e sim tomando por base a ideia de que “[...] o verdadeiro contemporâneo não é aquele que se identifica com seu tempo, ou que com ele se sintoniza plenamente. O contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar o seu tempo e enxergá-lo” (SCHØLLHAMMER, 2011, p. 09), é recorrente a presença de novas roupagens sobre temáticas *densas* e *férteis*, que abrem espaço para diálogos e reflexões pungentes sobre questões da atualidade, seja sobre a insistente presença de práticas preconceituosas e racistas ou comportamentos misóginos e violentos. No romance *O peso do pássaro morto* (2017), da escritora brasileira Aline Bei, o caminho que foi seguido não deixa de ser diferente. Na narrativa do referido romance, é palpável a forte presença de algumas dessas temáticas, que podem proporcionar uma discussão fecunda e bastante *imprescindível* sobre a violência, o abuso sexual, o aborto e a misoginia, contudo, não será *apenas* esse o nosso foco de estudo.

O romance em si, narrado em primeira pessoa, traz a tocante e longa trajetória de uma mulher inominável e, de certa forma, *insignificante*, expondo os acontecimentos vividos por ela ao longo de sua vida, que se iniciam aos 08 anos e vão até aos 52 anos de idade. O que diferencia o romance de Aline Bei das incontáveis obras que se ocupam das mesmas temáticas, é a forma como a autora trata dos acontecimentos que vão se seguindo ao longo da narrativa. A título de exemplificação, sempre marcada por acontecimentos traumáticos, a protagonista da obra é vítima de um crime sexual, mas esse crime e suas consequências são tratados de forma crua, sem espaço para um “final feliz” e para a *superação*, visto que “a cura não existe” (BEI, 2017, p. 164). Além disso, a autora atribui um desenvolvimento maior na interioridade da protagonista, o que propicia uma expiação mais consistente da psique da personagem.

Considerando o *Pássaro*¹ (2017) uma obra tão vasta e plurissignificativa, é possível a identificação de *subtemas* que perpassam a narrativa e não são tão comentados como as temáticas citadas no início, sendo o suicídio, a melancolia e a depressão alguns deles. Contudo, é necessário delimitar que não existe, no romance, uma menção significativa das palavras “suicídio/melancolia/depressão”. O que se tem sobre a *ideia* do autoaniquilamento é um breve pensamento da protagonista – já adulta e *desgastada* –, que ela abandona quase no mesmo instante em que surge em sua mente. A título de elucidação, segue a passagem mencionada:

aconteça o que que acontecer um morto está/morto. não há urgência que o faça levantar ou/ser triste/tampouco alegre, é o nada absoluto que/me soa como belo, e se eu/me matasse?/ agora sozinha/seria o momento perfeito que eu pensava/*não existe*/ quando eu tinha/8,/abri a gaveta da cozinha pra ver./tinha tesoura,/faca de churrasco, tinha a minha mão que eu/coloquei no meu pescoço e tentei apertar/mas foi devagar demais, foi/quase um carinho./olhei de novo/prá gaveta de/pontagudos/meus dedos/sem forças me dizendo que não sei enfiar na carne/algo que machuque a carne/ só metafisicamente sei fazer isso/muito bem,/fisicamente uma faca/e meu pulso/não se grudam, antes/solto a faca/e aumento o volume da TV (BEI, 2017, p. 77-78).

Nesse sentido, o nosso olhar crítico e a nossa argumentação se darão por um caminho que engloba a obra como o todo significativo que ela representa, tomando a liberdade de atribuir certas interpretações ao que é narrado no romance e focando sempre a “existência desvitalizada” (KRISTEVA, 1989, p. 11), que assombra e domina a personagem da obra até seus

¹ A título de articulação e praticidade, o romance *O peso do pássaro morto* (2017) será referido de forma abreviada ao longo do artigo.

últimos suspiros. Seguindo com essa lógica, nosso estudo se preocupa em analisar os acontecimentos da narrativa que serviram de *estopim* para o *possível* suicídio da protagonista ao final do romance. Além disso, nosso foco também recairá na já mencionada “existência desvitalizada” da personagem, mostrando como isso se aproxima de uma personalidade melancólica e, até mesmo, depressiva.

Tendo em mente que a personagem não assume de fato um ato suicida ao final da narrativa, tomando pílulas, cortando os pulsos ou se enforcando, nossas reflexões são direcionadas à ideia de um suicídio em um sentido metafórico/simbólico. Nossa insistência na presença de um desfecho suicida se dá pela natureza atípica do encerramento da obra. Mesmo não tendo uma ação ou pensamento direcionados ao autoaniquilamento, a protagonista se abandona e deixa-se morrer. Além disso, não seremos taxativos em determinar uma possível causa ao que se sucede com a personagem, afinal de contas “o suicídio não é a culminação de uma vida difícil; nasce de algum lugar escondido além da mente e da consciência” (SOLOMON, 2018, p. 233). Para o desenvolvimento de tal análise, nossas reflexões partirão dos estudos de Sigmund Freud, Urania Tourinho Peres, Andrew Solomon, Julia Kristeva e Pierre Bourdieu.

“O nada absoluto que me soa como belo”: a *desvitalização* do sujeito

Partindo de uma narrativa em primeira pessoa e intimista, uma configuração textual fragmentada e repleta de espaços vazados, o romance vai somando uma série de *pequenas* tragédias que acabam acarretando no trágico e emblemático desfecho da protagonista. Assumindo um olhar panorâmico sobre a obra, fica bastante notável como essas *pequenas* tragédias acabam se alastrando em um pesar extremamente duradouro e consistente, como por exemplo a morte da melhor amiga da protagonista, quando ela tinha 8 anos de idade. A personagem mostra muita dificuldade em lidar com o luto e com a dor da perda, o que resulta em um isolamento dela enquanto criança e uma espécie de visão melancólica sobre a vida começa a se estabelecer em decorrência dessa primeira perda sofrida. O psicanalista Sigmund Freud, ao teorizar sobre o luto e sobre a melancolia, afirma que

[...] no luto, o mundo se torna vazio, empobrecido, sem atrativos; na melancolia, é o próprio eu (ego) que é atingido, ferido, dilacerado. No luto, nada da perda é subtraído da consciência, pois o enlutado sabe o que perdeu, ao contrário do que ocorre na melancolia, na qual não há saber sobre a causa do sofrimento (FREUD, 2013, p. 66-67).

Nesse sentido, tomando as reflexões de Freud, cabe-nos delimitar em que medida o “luto convencional” se torna melancolia na personagem. É evidente que não existe uma duração para se passar pela fase do luto quando se perde alguém ou algo que é amado e estimado. O que salientamos é esse *algo*, o conhecimento do que se perdeu. Num primeiro momento, a protagonista sabe que a razão do seu pesar é a morte da amiga, mas, com o tempo, esse saber é perdido e ela aceita o sofrimento que vai aumentando de forma gradual, sempre atrelado aos acontecimentos do cotidiano.

Além da melancolia, é possível identificar *resquícios* de uma depressão. O já citado Andrew Solomon, teórico de psicologia e da cultura norte americana, argumenta que “a depressão leve é um algo gradual e permanente, que mina as pessoas como a ferrugem enfraquece o ferro. É pesar demais para uma causa pequena demais, dor que se apodera das outras emoções e as sufoca” (2018, p. 16). Trazer à tona a possibilidade de pensar uma nova abordagem sobre a interioridade da personagem, englobando a depressão e a melancolia, é um movimento até arriscado. Afinal de contas, não existe o diagnóstico médico preciso sobre essas *patologias* mentais e físicas. Nesse sentido, traçamos essa análise não em busca de um diagnóstico sobre uma possível doença que a protagonista possa ter. Nosso objetivo é o de meramente interpretar, com um novo olhar crítico, a trama que se apresenta no romance e contribuir com

o trabalho da crítica literária sobre as obras contemporâneas.

Além da depressão e da melancolia, uma outra temática é possível de ser identificável na obra. Dividindo opiniões pela forma emblemática em que aparece (ou não), o suicídio da protagonista é algo a ser considerado seriamente. Mas, antes de nos adentrarmos a fundo na interpretação que propomos, julgamos importante salientar que a depressão e o suicídio não são necessariamente duas coisas subsequentes, visto que “muitos depressivos nunca se tornam suicidas. Muitos suicídios são cometidos por pessoas que não são depressivas. Os dois elementos não são partes de uma única equação lúcida, uma ocasionando a outra (SOLOMON, 2018, p. 232). Essa diferenciação é de extrema importância neste estudo, visto que não entendemos o suicídio metafórico/simbólico da protagonista apenas como uma resposta aos males que lhe sucedem em sua vida. Isto posto, daremos início a uma *escrutinação* da trágica e apática existência da personagem ao longo dos anos, englobando alguns eventos traumáticos que a marcaram e a direcionaram ao decorrer da narrativa.

Como mencionado anteriormente, o primeiro acontecimento notável na obra é a morte de Carla, a melhor amiga da protagonista. Durante todo o processo de luto, ela tenta entender o que é a morte e isso causa certa inquietação nela, como podemos observar no seguinte excerto retirado do livro: “a carla morreu/ e eu não sabia exatamente o que isso significava/[...] pensei que a carla voltaria quando cansasse de morrer” (BEI, 2017, p. 18-19). Buscando por respostas, a personagem acaba se dirigindo até a casa de seu Luís, um benzedor conhecido da rua. Inocente do jeito que é, ela pede que ele “benze” a Carla e a traga de volta, mas quando ele diz que não sabe “fazer a morte parar” (BEI, 2017, p. 25), ela se dá conta da irrevogabilidade da morte e o pesar (tardio) a domina.

Certo tempo após a morte de Carla, quem vem a falecer na narrativa é o seu Luís. Esses dois acontecimentos, que fizeram parte da infância da protagonista, chamam atenção pelo fato de serem marcados pela falta de respostas, como podemos evidenciar no seguinte excerto “na escola/em casa/na cozinha/perguntei pra minha mãe:- o que é morrer?/ela estava fritando bife pro almoço./- o bife/é morrer, porque morrer é não poder mais escolher o que farão com a sua carne.” (BEI, 2017, p. 20-21). No processo de entender o que significava perder alguém, ela perde outra pessoa. Contudo, a segunda pessoa que ela perde era quem oferecia todas as respostas necessárias. É entre esses dois acontecimentos que ela também perde o “brilho” que caracteriza a ingenuidade de ser uma criança, ela perde a crença que ela tinha na *cura*. O peso de estar vivo a atinge muito cedo e as consequências dessas mortes a acompanham até a idade adulta.

Seguindo com a análise, outro acontecimento que deve ser mencionado por causar uma ruptura notável na vida da protagonista é algo que ocorre em sua juventude/adolescência. Aos 17 anos de idade ela é vítima de um crime sexual extremamente violento e de caráter misógino. A título de contextualização, depois de ter uma foto vazada em que beijava duas pessoas em um show, a personagem passa a vivenciar *bullying* na escola e seu *ficante* termina tudo entre os dois, apesar de não terem nada sério. Remoendo as dores dos acontecimentos, a protagonista do romance prefere ficar em sua casa ou invés de ir comer pizza com seus pais. Pedro, o seu ex, vai até a casa dela e diz que quer apenas ter uma conversa com ela. O que de fato ocorre é um abuso sexual, como podemos evidenciar no excerto retirado da obra:

desci as escadas correndo num quase tropeço./ quando abri a porta/ o Pedro/ tinha 1 faca/ que colocou no meu pescoço./ meu grito/ morreu no estômago/ junto com o chute que ele me deu./caí sem acreditar naquele Pedro que/arrancou o meu/vestido, o contato/rente/da Faca/queimava/a pele e/ ardia enquanto o Pedro/mastigava meus peitos/pronto pra arrancar/o bico. [...] o Pedro/ ria,/ disse que arrombadas como eu prestam só para dar/ e olhe lá que tem muita putinha bem mais/ delícia/ do que eu em cada/ esquina./ele abaixou as calças/abriu minhas pernas/e meteu com pressa/de olho/ fechado, a cara toda/cerrada/de gozo [...] (BEI, 2017, p. 58-60).

O sociólogo francês Pierre Bourdieu, em seu estudo denominado *A dominação masculina* (2015), se ocupa em analisar a extensão simbólica da dominação masculina em todos os aspectos sociais, seja no sexual ou profissional. Bourdieu discorre sobre a naturalidade da violência simbólica que permeia as relações entre homens e mulheres, mostrando como a soberania masculina, com suas práticas machistas e violentas, são estruturais na sociedade.

Tomando por base as reflexões do autor, fica evidente que Pedro, o ex *ficante* da protagonista, sentiu-se no direito de se vingar após ter sua masculinidade hegemônica ferida, visto que “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la” (BOURDIEU, 2015, p. 18). O que corrobora ainda mais com a afirmação exposta, é o fato de que a protagonista não se manifesta após o crime do qual foi vítima. Ela apenas *aceita* o que lhe ocorreu e toma a decisão de não se submeter ao aborto, assumindo a responsabilidade de *criar* uma criança, como é possível evidenciar no seguinte excerto da obra: “[...] 9 meses depois. Foi a minha primeira vez, pensei seriamente/em/aborto./mas não tive Coragem/pra dizer/Estupro./então eu disse: fiz sexo.” (BEI, 2017, p. 100). A única declaração por parte da protagonista, sobre a natureza do crime que sofreu, traduz perfeitamente como se materializam as consequências da violência simbólica e a dominação masculina, teorizadas por Bourdieu. Para ela, “as mulheres/abusadas nas trincheiras e/nos viadutos/não estão nos livros de história” (BEI, 2017, p. 61).

Assim como o pesar pelas mortes que vivenciou em sua infância, as consequências desse ato de extrema violência acompanham a personagem ao longo de sua vida e acabam *determinando* todas as suas ações. A *tristeza*, que já era algo presente, passa a ser uma presença cada vez mais densa. Novamente retomando Andrew Solomon, podemos caracterizar esse estágio da vida da personagem como algo próximo de *estar depressivo*, uma vez que “na depressão, tudo que está acontecendo no presente é a antecipação da dor no futuro, e o presente enquanto presente não mais existe” (SOLOMON, 2018, p. 28). De fato, a perspectiva de presente após o abuso não existe mais na vida dessa mulher e ela não demonstra ânimo ou qualquer reação emocional significativa para os acontecimentos do dia-a-dia. Aparentemente, a força que a faz continuar presente e viva é a obrigação de *cuidar* de seu filho, criança que foi fruto do crime sexual que ela sofreu. Nesse sentido, olhando pelo viés das postulações de Solomon (2018), é *palpável* o teor depressivo que assume a vida da personagem.

A psicanalista e também crítica literária Julia Kristeva, assume que “o deprimido é um perverso que se ignora” (1989, p. 52), fato que podemos observar na *desvitalização* determinante na vida da personagem. Ela é uma mulher apática que se ignora, tendo pouquíssimos atos de demonstração emocional e guardando tudo dentro de si. Em sua infância e adolescência, ela já era um sujeito fadado ao distanciamento e ao isolamento, o que é visível após ela perder sua amiga Carla e não conseguir estabelecer laços sociais significativos com outros indivíduos de sua idade. Contudo, essa situação assume uma roupagem mais forte em sua vida adulta, chegando ao ponto de ela não construir um relacionamento com o próprio filho e se afastar dos pais. Ela segue se ignorando, deixando de lado os seus sentimentos e o pesar que ainda a habita. A protagonista não lida com o fato de ter sido abusada sexualmente e isso a devora, consumindo qualquer resquício de felicidade ou prazer que ela possa vir a sentir. Ela se fecha para todos, não estabelece diálogos, não proporciona uma abertura significativa para o recebimento de ajuda que viria do *Outro*.

Para ficar ainda mais elucidado, novamente fazemos uso das considerações de Andrew Solomon. De acordo com o autor, a depressão “quando ela chega, destrói o indivíduo e finalmente ofusca sua capacidade de dar ou receber afeição. Ela é a solidão dentro de nós que se torna manifesta e destrói não apenas a conexão com os outros, mas também a capacidade de estar em paz consigo mesmo” (2018, p. 15). Nesse sentido, caracterizamos os acontecimentos traumáticos que foram listados como alguns dos fatores responsáveis pela *desvitalização* que acompanha a protagonista, propulsores da falta de sentido e de propósito que a governam.

Além desses acontecimentos mais traumáticos, trazemos alguns comportamentos e algumas reflexões feitas pela protagonista – antes de ser vítima do abuso sexual – que demons-

tram um teor mais melancólico acerca das *peripécias* da vida. O primeiro deles a ser analisado é um questionamento que ela faz com 8 anos de idade, logo após descobrir que Carla havia falecido. Ao fazer uma oração ao “deusinho”, pedindo seu ente querido de volta, ela questiona se “será que com o uso/um dia a lágrima acaba?, a vida/pode ser longa e eu não queria/virar/uma menina sem lágrima no meio do caminho/uma mulher” (BEI, 2017, p. 28).

Além desse questionamento atípico para uma criança de 8 anos, nessa mesma idade, a personagem perde o já mencionado “brilho” da infância, algo que reflete até em seu desempenho escolar. Ela passa a ter problemas com notas e com os colegas, se tornando uma criança distante e cheia de mágoas, vítima de *bullying*. Ainda nessa idade, a personagem perde o seu Luís, fato marcado por uma passagem significativa: “voltei pra casa chamando mãe,/cadê o seu luís?/ela não tinha me contado nada porque/achou que/era muita morte pra eu saber de uma vez só” (BEI, 2017, p. 45).

No ponto em que chegamos, visto que fizemos uso dos vocábulos “depressão” e “melancolia” com recorrência, cabe-nos uma breve diferenciação entre os termos. De partida, é importante salientar que não os vemos como sinônimos. Ao nosso olhar analítico, a melancolia é um fator mais aliado à singularidade do sujeito e mais *densa* do que a depressão. Já a depressão, neste estudo, é considerada mais por seu teor inibidor e patológico, como podemos observar nas postulações de Urania Tourinho Peres, que declara que a depressão “[...] acaba por designar uma maneira de o ser humano situar-se na vida marcada pela insuficiência e pela perda do sentido na existência. O deprimido carrega uma profunda inibição e o sentimento de ser incapaz de enfrentar a luta pela existência” (PERES, 2010, p. 55). É exatamente esse sentimento de inibição profunda que é observado nas atitudes e na vida da personagem após o crime vivenciado. Quase tudo rememora a noite em que foi abusada sexualmente, mesmo as coisas mais simples do dia-a-dia, como ela mesmo declara,

[...] às vezes/penso/que nunca/vou esquecer [...]a noite do Pedro em casa/corto um tomate/prá fazer o almoço/e penso que o tomate sou eu/a faca/é o Pedro, já cortei meu dedo assim uma porção de/vezes, com outras frutas também, mas o tomate/por ser vermelho/e ceder já no primeiro/corte,/principalmente (BEI, 2017, p. 96-97).

Até mesmo cortar um tomate, já quando estava adulta e velha, a faz lembrar da facilidade e da rapidez com que foi *rompida* por Pedro, o homem que a dilacerou por completo. De fato, mesmo que não assuma efetivamente que esse crime a acompanha desde a noite de seus 17 anos, o que se vê é uma mulher completamente dominada por tudo o que ela tenta esconder. Além do *tomate*, outro ponto que comprova isso é o fato de que ela se mantém distante dos homens em geral. Em toda a sua vida, o único contato sexual que teve foi o abuso que sofreu.

O sujeito ausente de si

De partida, para iniciar a explanação desse tópico, é de suma importância a retomada de uma afirmação lançada no início das presentes reflexões. O suicídio, neste estudo, não é tido como algo encadeado pela depressão e/ou pela melancolia, nem como uma ação efetiva e direcionada. O ato suicida no romance *O peso do pássaro morto* (2017), em decorrência de se tratar de uma desistência, acaba assumindo um teor muito mais metafórico do que *palpável*. Além disso, é importante ter em mente que muitos depressivos não cometem suicídio e muitas pessoas consideradas equilibradas psicologicamente cometem, como também já foi mencionado anteriormente.

Seguindo com esse raciocínio, a primeira afirmação a ser feita sobre o suicídio presente no romance em questão, é a de que ele *não* é ocasionado pelos eventos traumáticos que ocorreram com a protagonista, ele vai mais além. Fica a ressalva de que sim, os traumas tiveram uma parcela grande de culpa, mas entende-los como os únicos responsáveis pelo desfecho

é uma atitude um tanto quanto taxativa e reducionista. Para tratar do que ocorre no fim da obra, é necessário *compreender* a interioridade da personagem, a forma como ela se portava em sua (des)vida. Conforme já mencionado anteriormente, a personagem era dominada pela completa inibição, ela era uma mulher paralisante e desvitalizada. A tomada de decisões era quase inexistente em sua vida e ela apenas seguia vivendo no *automático*. Contudo, antes de chegarmos no fim efetivo da personagem, é necessário ter em mente o que se passou com ela após o abuso sexual, que presenciou aos 17 anos de idade.

A vida da personagem, que já era apagada e triste, tornou-se pior. Nove meses após ser abusada, com 18 anos de idade, ela dá à luz a um menino. Sentindo certa mágoa por ter tido a criança e sem conseguir amá-lo, ela entra no modo *mecânico* e passa a desempenhar o papel de provedora da casa. Todos os bens materiais são supridos, ela até chega a contratar uma babá que praticamente entra para a família e serve como uma *quase* mãe para a criança.

Conforme o menino vai crescendo, ela passa a erguer inúmeras barreiras entre os dois, o que se acentua na adolescência do garoto, quando ele fica nitidamente parecido com Pedro, o seu abusador. Com o passar dos anos, o filho acaba mudando de Estado e o contato entre eles é quase zero. Em um dia qualquer, sozinha em casa, a protagonista decide visitar seu filho e tentar alguma proximidade, até porque, ela sabe que não ter a criança foi uma (falta) de decisão dela e ele não tem culpa de ser extremamente parecido com o homem que a machucou tanto na adolescência e praticamente destruiu sua vida.

No meio da estrada, ela encontra um cachorro velho, grande e abandonado. Contrariando até mesmo o médico veterinário, que afirma que o cachorro não iria durar muito, ela o adota no meio do caminho e desiste do encontro com o filho. O interessante a se notar nesse movimento de adoção, é o fato de que a protagonista sente uma espécie de *reconhecimento* na condição em que o cachorro se encontrava, como podemos observar no seguinte excerto:

num canto perto da loja de conveniência/um imenso cão preto/ficou me olhando, cheguei a pensar que era um/porco./ ele tinha nos olhos/as chagas do abandono, além de rombos/ por todo o corpo,/uns mais frescos/que outros./apesar disso era um cão calado na dor que sentia/e não/tão/triste para além da dor que tinha. [...] olhei o Vento pelo retrovisor:/ ele caiu rápido no sono,/deve ser o balanço do carro que/ provavelmente ele nunca andou./quantos machucados ele tinha no corpo/mais vinho do que preto pelo sangue/seco. que bom que agora/ a gente estava junto,/nunca mais ninguém vai te machucar [...] (BEI, 2017, p. 104-108).

Sentindo que esse é o momento de começar a viver, na passagem de 48/49 anos de idade, ela resolve mudar para uma nova casa com o Vento, seu cachorro. Esse momento de mudança é marcado por um sentimento de não pertencimento, como ela mesmo afirma quando reflete sobre sua residência atual e toma a decisão de procurar um *lar*, “aqui nada é meu,/ igual a todos os outros lugares./a rua era minha só na criança que fui,/de resto que mundo/ estrangeiro” (BEI, 2017, p. 128).

Caindo na ilusão momentânea do *bem-estar* em sua nova residência, a protagonista passa um certo tempo ignorando o mundo ao seu redor e faz de Vento, o cachorro, a sua conexão com a vida. Enquadramos como *ilusão* a felicidade que ela encontra, por ser algo causado pela (auto) negação e pelo distanciamento. A protagonista, no momento em que decide viver, acredita que se fortaleceu e se enche de memórias boas do passado. Tudo o que é direcionado à sua *felicidade*, é ligado ao cachorro e às memórias da infância.

Em uma parte majoritária do romance, conseguimos entrever como a personagem se nega, o quanto ela tenta se distanciar do que lhe ocorreu e do que poderia lhe ocorrer. Essa (auto) negação se intensifica nas linhas finais da obra e a coloca em uma posição de extrema fragilidade, algo que evidenciamos no momento em que o cachorro morre atropelado. Toda a expectativa e a esperança de uma vida melhor, que foram depositadas em Vento, se desfazem

com rapidez quando ele morre e o peso de tudo o que viveu a subjuga novamente. Nesse ponto da obra, existir perde o pouco de sentindo que ainda tinha.

Após a morte de seu cachorro Vento, a personagem manifesta uma série de comportamentos suicidas que direcionam as reflexões da presente análise. Em seu próprio ato de *autoaniquilamento* (mesmo que seja de caráter metafórico), ela se abandona e *aceita* seu fim, como podemos observar no seguinte excerto comprobatório da obra:

[...] fiquei sem comer./o telefone/eu cortei da tomada, a vitrola/nunca mais deu um pio./eu deixei de tomar banho/a casa/cheirava merda que eu não ia ao banheiro/cagava/ ali/mesmo/ao lado do/sofá que virou minha casa inteira e também meu/abraço, o cheiro do Vento/ainda no couro./o passar das horas/se tornou/insuportável./o relógio da cozinha acabou a pilha e esse foi o/único pedaço de alívio que senti,/a casa/em Silêncio profundo./fiquei vivendo de ar/vomitando de/fome./as baratas/ao lado do sofá/pareciam querer/ saber/o que tinha acontecido comigo. [...]

ela caiu no sono./vomitou dormindo/e não acordou./sonhava de novo com/a chegada/pra ver o Vento morto/só que dessa vez ele não estava morto/o portão/não estava aberto, no sonho/o Vento estava em casa esperando e isso a deixou tão/ feliz que ela não acordou, não pôde,/nem o gorfo conseguiu e então/nunca mais./a morte de engasgo foi muito feia, só a boca/trabalhou e um pouco da barriga [...] (BEI, 2017, p. 155-158).

Ela não comete suicídio *efetivamente*. Não corta os pulsos, não toma pílulas ou decide se enforcar. Ela apenas desiste da vida, desiste de si. Esse final pode ser tido como ambíguo pelo fato de que muitos consideram que não *há* uma ação ou uma escolha bem marcada que direcione ao *autoaniquilamento* da personagem. Mas, tomando como base uma postulação de Andrew Solomon, a questão da *ação* toma uma proporção diferente. Nas palavras do autor, o desejo de se matar

[...] requer um nível extra de paixão e uma certa violência direcionada. O suicídio não é o resultado da passividade; é o resultado de uma ação. Requer uma grande quantidade de energia e uma vontade forte, além de uma crença na permanência do momento atual e pelo menos um toque de impulsividade (SOLOMON, 2018, p. 233).

Nesse sentido, compreendemos a desistência da protagonista como uma ação. Para chegar ao ponto de simplesmente deitar em meio a suas matérias fecais, ignorar a fome, a higiene e até mesmo os insetos que a habitavam, foi demandado uma certa *paixão* no ato de desistir. Manter-se no estado de abandono completo, de (auto) negação e quase *apodrecimento*, foi um processo demorado e doloroso, que poucos conseguiriam aguentar até o fim. É por essa razão, que compreendemos o romance *O peso do pássaro morto* (2017), como uma obra que se encerra em *autoaniquilamento*.

Considerações Finais

Desde séculos atrás, as questões “suicídio/melancolia/depressão” têm sido debatidas e estudadas pelas diversas áreas do conhecimento humano, inclusive a religiosa. Cada esfera tem sua perspectiva sobre o assunto e isso favorece muito positivamente os diálogos atuais,

mesmo que alguns posicionamentos sejam marcados por ideias preconceituosas. Uns creditam suas reflexões na ideia de pecado, outros em patologias e alguns até se orientam pela psique humana. A literatura é uma das áreas do conhecimento humano que se ocupou desses *fenômenos*, mostrando as divergências dos séculos e de autores, relevando o quão necessário é o estudo e conhecimento dos referidos temas.

Na contemporaneidade, na era conectividade e do imediatismo, o que mais se observa é a necessidade do *bem-estar*, da vida perfeita e da positividade ao extremo, como afirma Byung-Chul Han (2015). Contudo, analisando com mais exatidão o sujeito atual, o que se observa é um movimento de (auto) negação. Uma fuga da vida real e imperfeita, das tristezas que compõe cada sujeito, da autoconsciência. Um dos grandes males do século é o discurso da felicidade plena, do *bem-estar* completo. Poucos ainda percebem que “a tristeza faz parte de cada um de nós” (PERES, 2010, p. 10) e nos compõe. A literatura, quando se ocupa de temáticas como as que foram apresentados no romance em questão, acaba traduzindo as emoções que assolam e constituem os sujeitos.

Nesse sentido, quando pensamos no momento “positivo” em que vivemos e nos discursos que nos circulam e influenciam, é nesse ponto que a literatura atua como elemento subversivo. A protagonista do romance *O peso do pássaro morto* (2017) se negava, fugia de seus traumas e de sua interioridade dilacerada. Contudo, fica a ressalva de que os traumas que a acometeram demandavam um movimento de *escrutinação* muito mais profundo do que um simples aceite da tristeza e da imperfeição, mas o romance serve de exemplo para se pensar nas consequências do abandonar-se.

Como mencionamos no início, não almejamos um diagnóstico preciso sobre patologias que podem (ou não) ter acometido a personagem e isso nem é um trabalho da literatura. O que buscamos sempre foi uma abertura para possíveis interpretações, enriquecendo a obra e a tirando da posição de apenas “mais um romance” sobre a violência sexual e a misoginia. Claro que, o machismo e o estupro tiveram sua importância na trama e desenvolvemos como tudo isso foi organizado, mas optamos por ir além e tratar da interioridade da personagem, algo que sempre nos chamou mais atenção por seu teor melancólico e depressivo.

Um fator decisivo pela escolha do caminho percorrido é uma redação escrita pela protagonista do livro, ainda em sua infância. A autora retoma a redação ao final, num movimento que não nos parece ser ao acaso. O título do texto é “a cura não existe” (BEI, 2017, p. 136), um título bastante simbólico e que corrobora com uma das reflexões de Andrew Solomon sobre os grupos de pessoas suicidas. Na concepção do autor,

O último grupo comete suicídio com uma lógica racional. Tais pessoas – devido a uma doença física, instabilidade mental ou uma mudança nas circunstâncias da vida – não querem a dor da vida e acreditam que o prazer que elas podem ver sentir não é suficiente para compensar a dor. Essas pessoas podem ou não ter razão em suas denúncias, mas não se iludem, e nenhuma quantidade de tratamento ou medicação antidepressiva as fará mudar de ideia (SOLOMON, 2018, p. 234).

Ou seja, para a protagonista, a cura não existe e nunca existiu. Mesmo quando tentou uma nova vida com o cachorro – velho e já fadado à morte – ela sabia que a cura que tanto procurava jamais seria alcançada. Além disso, consideramos que o autoaniquilamento cometido pela protagonista entra em sintonia com a forma como ela vivia sua (des)vida. O único momento em que não desistiu de algo foi quando adotou Vento, o cachorro velho, e passou a (tentar) acreditar na possibilidade da vida. No mais, ela apenas se *desvitalizava* cada vez mais com o passar dos anos e morreu do jeito que viveu: abandonando-se.

Referências

BEI, Aline. **O peso do pássaro morto**. São Paulo: Editora Nós, Edith, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Trad. Marilene Carone. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

KRISTEVA, Julia. **O sol negro: depressão e melancolia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

PERES, Urania Tourinho. **Depressão e melancolia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

SOLOMON, Andrew. **O demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Recebido em 14 de julho de 2020.

Aceito em 20 de julho de 2020.